



abralic  
experiências literárias textualidades contemporâneas

## CUORE, GRACILIANO

Marcos Falchero Falleiros<sup>1</sup> (UFRN)

**Resumo:** Desde adolescente, Graciliano Ramos referia-se a seu aprendizado de italiano, cujos vestígios se encontram em resenha, em títulos e epígrafe de seus poemas. Quanto às aulas de italiano que possivelmente teria ministrado, há referências mas não há informações precisas sobre período e circunstâncias. De qualquer modo há algo de misterioso e exótico em suas constantes manifestações de forte adesão ao aprendizado de uma língua sem atrativos para a cultura sertaneja, que, quando pretendia sofisticar seu coronelismo com refinamentos de civilização, tinha, entre os itens bem demarcados de um luxo importado, o francês. No corpo biobibliográfico do autor também não se encontram informações específicas sobre os motivos de sua simpatia. Poder-se-ia pressupor que o jovem intelectual sertanejo teve tamanha afeição pelo italiano, sem nenhum contexto propício, graças ao contato com a *Divina comédia*, de Dante Alighieri, já que o grande leitor interiorano percorreu vorazmente a literatura ocidental pelo critério canônico das grandes obras.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos. Língua italiana. Dante Alighieri.

Graciliano Ramos referiu-se constantemente durante sua vida a seu aprendizado da língua italiana. Ainda na juventude, suas cartas registram o estudo do idioma, com certo destaque entre seus muitos interesses intelectuais. Nas cartas publicadas, encontram-se várias referências a respeito. Graciliano, depois da mudança com a família para Palmeira dos Índios em 1910, escreve, aos vinte anos de idade, em 07 de fevereiro de 1913 (Carta 5), ao amigo “Pinto velho dos pés compridos”, seu companheiro intelectual que havia ficado em Viçosa - Alagoas, onde antes eram vizinhos:

Mas cá fico sempre esperando que cumpras a promessa que me andas fazendo há muito tempo, grandíssimo bandalho! Não gozarás aqui de grande conforto – mas sempre encontrarás um quarto com duas cadeiras e uma mesa, um bocado de livros, uma bilha d’água, papel, penas e tinta, enfim o necessário a um indivíduo que tem fumaças de literatura. Perguntas se ainda estudo o italiano. Não, eu não estudo

---

<sup>1</sup> Professor de literatura brasileira e de literatura comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [marcffal@gmail.com](mailto:marcffal@gmail.com)

nada: já sei muito, até mais do que era preciso saber. (RAMOS, 1994, p. 19)

Já bem exercitado na ironia, continua com bom humor brincalhão, mencionando métodos e manuais de língua estrangeira, como o de “Brunswick”, o “Pereira”, refugando o conselho do amigo para que estudasse francês, “língua miserável inventada pelo diabo para tormento dos infelizes como eu”. Na verdade, seu aprendizado de línguas era bem consistente, como as cartas revelam, mostrando, por exemplo, que fazia traduções dos sonetos em francês que Pinto produzia.

Quanto ao italiano, além das tantas referências que disseminou com particular destaque, ainda que esparsas, seu apreço sempre manifestado pela língua é estranho à cultura sertaneja, pois usualmente não havia atrativos para ela num contexto que, quando pretendia sofisticar seu coronelismo com refinamentos de civilização, tinha, entre os itens bem demarcados de um luxo importado, o francês. No corpo biobibliográfico do autor também não se encontram informações detalhadas dos motivos de sua simpatia. O certo é que, autodidata, como sempre foi em todas as suas atividades intelectuais, dedicou-se ao estudo de línguas, chegando na maturidade ao esperanto e à tradução de duas obras, uma de língua inglesa, em 1940, *Memórias de um negro*, de autoria do norte-americano Booker Taliaferro Washington, outra, do francês, *A peste*, de Albert Camus, em 1950.

Educado com brutalidade e má vontade por um pai afligido pela busca de ascensão econômica e a “patente” de coronel, o menino, vítima da “bárbara educação nordestina” (RAMOS, 1985, p. 178, v. II), “era quase analfabeto” aos nove anos, como lembra Graciliano em *Infância* (1984, p. 199): as passagens bíblicas contadas pelo jovem Padre Pimentel, da família de Seu Nuno (este o havia encaminhado para ser coroinha), em cujos cenários via a imagem do sertão pernambucano (1984, p. 196), as histórias de Trancoso contadas por D. Agnelina, professora pouco alfabetizada mas talentosa para, durante as demoradas visitas noturnas a sua casa, despertar-lhe apego a “mentiras impressas” (1984, p. 206), e o estímulo do pai à leitura, impaciente após três noites, interrompendo a estória de uma família perdida na floresta, acenderam-lhe o fascínio pela literatura.

Com o exemplo dos astrônomos, capazes de ler céu e estrelas, a prima Emília o encorajou a enfrentar sua agonia por desvendar as letras para decifrar até o fim a estória que o pai lhe sonegara (1984, p. 203). Nasceu sua afeição pelo estudo dos dicionários

além da mera consulta, aprendeu história e geografia nas figuras e bandeiras dos exemplares encalhados da loja do pai, decifrou jornais, folhinhas, almanaques.

Sempre trêmulo e balbuciante ao ser acuado por zombarias, guinchos, insultos e desprezo de dois empregados da loja do pai e de um frequentador boçal, quando tripudiaram sobre sua pronúncia de “Samuel Smiles”, sentiu-se por fim silenciosamente seguro, pois o professor Rijo é que lhe havia indicado com firmeza e autoridade a forma correta (1984, p. 209). Curiosamente, esse, apesar de ser o 31º capítulo de *Infância*, de 1945, foi o seu primeiro manuscrito produzido para a obra, escrito em 1938 (Cf. LIMA, 1992, p. 52) e publicado neste mesmo ano no *Diário de Notícias* (RAMOS, 1938), como se o memorialista tivesse por impulso para o início de seu livro a vitória simultaneamente obtida sobre a condição oprimida de sua infância e a enigmática pronúncia de uma língua estrangeira.

Ainda que segregado de um contexto de elite sertaneja, procurou alfabetizar-se por conta própria, magnetizado pelas histórias cujo texto ansiosamente procurava decifrar. Logo revelaria, aos onze anos, sua vocação literária, e, a partir dos quatorze, publicava na revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, e nos jornais de seu estado, *Jornal de Alagoas* e *Correio de Maceió*, como também na revista *Argos*, poemas que atestam refinamento nas técnicas da versificação, com riqueza e propriedade de léxico e forte domínio tanto na articulação textual como nas construções imagéticas exercitadas em seus sonetos de parnasiano imberbe e tardio.

Logo nos seus tempos de juventude, em Palmeira dos Índios, suas qualidades intelectuais tornaram-se conhecidas na região. Mais de um ano antes de relatar em carta (Carta 9, 18-02-1913), a conversa que tivera ao encontrar-se com o flerte que o amigo lá deixara na sua última visita – “Falamos sobre viuvez, saudades, coisas *del cuore*... E ela ouvia com prazer, ria, falava também” (1994, p. 26) – no dia em que completava dezenove anos, em 27-10-1911, escreveu a Joaquim Pinto da Mota Lima (Carta 4):

Tens continuado a escrever? Finalmente, creio que cultivas o realismo, mas em tudo que escreves aparece claramente o imaginário, o impossível. Eu tenho sido caipora, porque tudo quanto produzo é miseravelmente assassinado pelos senhores tipógrafos. Apenas um dos meus trabalhos, uma coisa parecida com juízo crítico sobre *Il cacciatore di smeraldi*, de Carlo Parlagreco, teve poucos erros, malgrado ter sido estragado um trocadilho com que eu fechava o troço. Eu escrevi: “Se o senhor Carlo *parla greco*”, saiu publicado: “Se o senhor Carlo *parla grego*”. Ora, não há *grego* em italiano – há

greco. Demais o Sr. Carlo é Parlagreco e não gosta que lhe mudem o nome, como disse Eça de Queiroz. (1994, p. 18)

Trata-se de “Literatura”, publicado com o pseudônimo de Soeiro Lobato no *Correio de Maceió*, 04-10-1911, conforme a descoberta de Moacir Medeiros de Sant’Ana. O pesquisador localizou mas não transcreveu a resenha, embora revele ter tido acesso ao texto ao comentar a crítica do jovem Graciliano sobre a tradução italiana (editada por G. Romagna & C. Editore, Roma, 1908) das sextilhas de *O caçador de esmeraldas*, de Olavo Bilac: “classificou a tradução como ‘caricatura da obra de Bilac’, inclusive porque logo na primeira sextilha havia quatro versos quebrados, número que afirmou chegar a cerca de 150 em todo o trabalho” (1973, p. 83). Esse talvez seja o primeiro texto de crítica literária publicado por Graciliano Ramos. Apesar de todos os textos descobertos e localizados por Moacir Medeiros de Sant’Ana, Fernando Alves Cristóvão e Vivice M. C. Azevedo (1972) terem sido publicados por Thiago Mio Salla (Cf. RAMOS, 2012), a resenha continuou inédita em coletânea. Em seu “Catálogo da Exposição Biobibliográfica de Graciliano Ramos comemorativa dos 50 anos do romance *Caetés*, realizada pelo Arquivo Público de Alagoas, em novembro de 1983”, Moacir Medeiros indica que o texto ali esteve exposto (1983, p. 22).

Das poucas dezenas de poemas que os pesquisadores Moacir Medeiros de Sant’Ana e Fernando Alves Cristóvão conseguiram recuperar, três deles utilizam o italiano ou no título ou na epígrafe. O primeiro deles é “Partenza tua”, um soneto, publicado em *O Malho* sob o pseudônimo S. de Almeida Cunha (CUNHA, 1910), com o título estrofiado por “partneza tua”. Segundo registro da localização por Moacir Medeiros, sem transcrição do texto, e acrescido do apositivo “quadras”, o soneto foi anteriormente publicado no *Jornal de Alagoas*, 12-03-1910, com o título “Partenza” – apenas, sem o “tua” (1973, p. 85). Depois, entre os dezoito e os dezenove anos de idade, Graciliano publicou o soneto “A aranha”, com localização sem transcrição, ainda conforme registro do mesmo pesquisador, no *Correio de Maceió*, 01-10-1911, sob o pseudônimo de Soeiro Lobato (SANT’ANA, 1973, p. 83). Republicado em *O Malho*, n. 482, 09-12-1911, com a epígrafe em italiano estrofiada, o texto transcrito a seguir, corrigido, teve a autoria indicada pelo mesmo pseudônimo:

A aranha

A Braulio Cavalcante:

*Diedi parimente retta ad un bel ragno  
che tappezzava una delle mie pareti.*

Silvio Pellico – Le mie prigioni

Em dias de verão, na minha alcova cheia  
Da luz do sol, que, lado a lado, a doira e banha,  
Minha antiga inquilina, uma peluda aranha,  
Entre a parede e o teto o seu vulto passeia.

É uma amiga pontual. Sempre arrepiada e feia,  
Ergue e balança no ar a sua forma estranha,  
Sobe, desce e no fio as pernas emaranha,  
Enquanto vai tecendo a complicada teia.

Não lhe tenho aversão, não me aborreço dela,  
Pois vive egoisticamente a preparar a tela  
Que treme semelhando uma diáfana rede.

Mesmo um facto anormal dá-se às vezes comigo:  
Fico inquieto em não vendo o velho insecto amigo  
Sempre no seu lugar – o canto da parede.

Pernambuco

Soeiro Lobato

(LOBATO, 1911)

Além de usar pseudônimos, Graciliano escamoteava seu local de origem. Marili Ramos, nas memórias de sua vivência com o irmão, reproduziu o soneto sem a dedicatória, a epígrafe e o local (1979, p. 27). O soneto é dedicado a Braulio Cavalcante, jovem poeta e cronista que participou de agudas lutas políticas em Maceió. Formado em direito pela Faculdade de Recife, quando liderava grande manifestação oposicionista, foi assassinado em praça pública aos 25 anos de idade pelas forças do governo local, a 10-03-1912 (Cf. AMORIM, 2012), cinco meses após a publicação de *A aranha*.

Transcrito o soneto para ser avaliado em *Graciliano Ramos, poeta*, Fernando Alves Cristóvão atribui também a ele o aspecto descritivo observado em poemas de Graciliano na 3ª. pessoa, que, acrescenta o crítico, além dos vínculos com o parnasianismo, lembram o “olhar perscrutante e frio” das “narrativas do *nouveau roman*, ávido de contemplar e descrever, contornando a superfície e os volumes dos objetos” (2005, p. 80). Mas há nele outros aspectos relevantes.

Se um jovem Graciliano de espírito crítico, político e engajado deixa-se mostrar na dedicatória e na epígrafe, estas não deixam de ser também espelho premonitório da prisão de que ele próprio seria vítima em 1936.

Edlena da Silva Pinheiro, em correspondência pessoal, observa, a respeito dessa passagem de *Le mie prigioni* (obra publicada em 1832), a correlação com o poema de Graciliano: depois de narrar a amizade com uma aranha, a ponto de o inseto vir buscar as presas na sua mão, Silvio Pellico manifesta inquietação ao notar posteriormente em sua narrativa, no Capítulo XLII, a ausência dela por uns dias, quando então o autor lamenta que poderia perdê-la ao ser encaminhado para outra cela. É nessa passagem que ele retoma o assunto introduzido no Capítulo XXVI, de onde foi retirada a epígrafe, traduzível nestes termos: “Dei igualmente atenção a uma bela aranha que revestia uma de minhas paredes” (PELLICO, 1986, p. 79). A epígrafe e o desdobramento do soneto comprovam ter sido Graciliano leitor de *Le mie prigioni*. Se Moacir Medeiros de Sant’Ana não apresenta nenhuma obra italiana no levantamento que realizou das leituras do jovem Graciliano (1992a), Fernando Alves Cristóvão, entretanto, confirma com os dados contextuais acima apontados a possibilidade da leitura do texto em italiano, endossados pelo testemunho da esposa do escritor, Heloísa Ramos, e acrescenta uma informação interessante sobre determinado concurso de poesia, porém sem detalhar quaisquer circunstâncias: “Esse soneto glosa um mote extraído da obra de Silvio Pellico, talvez lida em italiano porque Graciliano estava familiarizado com essa língua, em que chegou a ganhar um concurso de poesia” (1977, p. 39). O livro certamente esteve nos estratos mnésicos mais profundos de Graciliano nos momentos em que escrevia *Memórias do cárcere*.

Tal sugestão se fortalece ao vermos as duas obras, apesar das radicais diferenças de contexto, de épocas, posições ideológicas e nível de fé, mostrarem-se fraternas no tom reflexivo compreensivo que conduz suas literaturas de testemunho interior avessas ao descabelamento estentóricio da ira dos injustiçados e da justa vingança. Edlena da Silva Pinheiro, ao apontar as diferenças entre as duas obras, conclui que a “ausência de fé nas *Memórias do cárcere*”, em contraposição a *Le mie prigioni*, “substitui a esperança redentora da religião, mas em suas páginas sugere no próprio homem a tarefa de reorganizar a sociedade de forma mais justa” (PINHEIRO, 2012, p. 141). O diálogo subjacente de Graciliano com esse estrato remoto de suas leituras juvenis mostra-se,

assim, menos antitético do que o de *Infância* com o *Cuore* (1886), de Edmondo de Amicis.

Por outro lado, Edlena Pinheiro destaca a lembrança de Ricardo Ramos de suas conversas com o pai e o testemunho da importância que este dava a Antônio Gramsci (PINHEIRO, 2012, p. 59). É quando Ricardo Ramos lamenta que *Memórias do cárcere* tenha sido relacionada apenas a Pellico ou a *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski:

Um dia, comentando artigo de Carpeaux sobre Gramsci, larguei uma frase infeliz, aligeirada, saíra de moda o teórico italiano. Meu pai veio com quatro pedras, defendendo o autor de *Os intelectuais e a organização da cultura*, mencionando o muito que ele esclarecera sobre o papel do escritor. Provavelmente, já trabalhando nas *Memórias do cárcere*, tivesse acordadas as antigas leituras dos cadernos e cartas da prisão. Ou apenas reagisse, pois lera em italiano a maior parte de sua teoria política. (É curioso observar, quando saíram as *Memórias*, as referências e aproximações foram Dostoiévski e Pellico, ninguém citou Gramsci.) No entanto, ele falou com respeito incomum. Como se o ensaísta fosse sua bíblia, rezasse por ela, dava a impressão de que era a própria raiz da sua opção partidária. (RAMOS, 1992, p. 79)

O terceiro dos poemas é relacionado ao italiano pelo título *Ritorno*, publicado em *O Malho*, n. 569, 09-08-1913, e transcrito por Moacir Medeiros de Sant'Ana (1992b, p. 14-15). Trata-se de um longo poema, cujo início já anuncia o desdobramento de andarilho que retorna a sua velha aldeia e passeia pelos lugares vividos da infância:

Quanto tempo! Há treze anos, mais ou menos,  
Que eu te não via, ó pequenina vila,  
Onde os dias passei, lentos, serenos,  
De minha infância, límpida e tranquila.  
(LOBATO, 1913)

A “minha infância, límpida e tranquila”, em Buíque, sertão de Pernambuco onde o pai tentou em vão ascender a fazendeiro, desenhada aqui pelo convencionalismo do fingimento poético, será revirada pelo avesso nos anos 40, com um *ritorno* à *Infância* sombrio, de geométrica arqueologia, configurando-se agora, ao contrário do debate acima mencionado entre as memórias adultas dos prisioneiros, uma réplica de radical antagonismo ao bondoso e edificante memorialismo de *Cuore*, de Amicis, como se, no andamento das memórias da infância sertaneja, a grande bondade oprimida de um

Graciliano indignado forçasse subjacentemente por contrastar com o parceiro italiano a sua própria realidade mesquinha.

Pelo que indicam os achados de pesquisa, Graciliano encerrou sua carreira de poeta aos 22 anos, quando passou um ano no Rio de Janeiro, entre o segundo semestre de 1914 e o primeiro de 1915, de onde escrevia cartas para os familiares, especialmente para a irmã mais próxima, a “Leonor *del mio cuore*”, falando de suas produções literárias em prosa e verso e do escasso trabalho de revisor nos jornais, além das crônicas que publicou num jornal do interior do Rio de Janeiro, *Paraíba do Sul*, como esta em que manifesta vivamente sua simpatia ao cinema, incluindo suas lições nas salas de projeção, cujo trecho indica a qualidade de seu humor: “Suponhamos que na tela um casal de namorados esteja atolado no mais agradável ‘dolce far niente’ deste mundo. ‘Dolce far niente’ não é, a rigor, a expressão conveniente. Os jovens fazem alguma coisa, fazem...” (1980, p. 26).

Quanto às aulas de italiano que possivelmente teria ministrado, há referências mas também não há informações precisas sobre período e circunstâncias. O momento em que se deteve mais esmiuçadamente no assunto foi uma pilhéria de alta voltagem hilariante, com o título “Professores improvisados”, publicada originalmente na *Revista de Ensino*, em Maceió (RAMOS, 1929) e, postumamente, em *Viventes das Alagoas*. Trata-se de um crônica em que para exemplificar a precariedade do ensino no sertão, lembra que certa vez tentou dar aulas de italiano, um empreendimento que visava a lucros – relato em que sentimos um quê de *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto. Bastaria acrescentar “oni” ou “ine” no final das palavras e anunciar: “Italiano rápido e barato a cinco mil-réis por cabeça, mensalmente. Aproveitem. Lições em todos os dias úteis e inúteis. Tempo é dinheiro, como diz o gringo” (1976, p. 134).

Assim polvilhados de pistas, migalhas inconsequentes, ficamos sem saber as razões deste mistério às claras. Além disso, poder-se-ia pressupor que o jovem intelectual sertanejo teve tamanha afeição pelo italiano, sem nenhum contexto propício, graças ao contato com a *Divina Comédia*, já que o grande leitor interiorano percorreu vorazmente a literatura ocidental pelo critério canônico das grandes obras. Seria uma ótima pista para equacionar na gênese de sua produção, e não só limitadamente a *Angústia*, a dívida, na forma, com o ritmo e a precisão árida da sintaxe e, no conteúdo, com a expressividade sombria do *Inferno* dantesco. Mas aqui, mais ainda, os dados são completamente escassos. Apenas Carpeaux, com sua erudição monumental no modo

distraído para detalhes comezinhos, retomando seu ensaio “Visão de Graciliano Ramos” na homenagem ao 7º dia da morte do autor, percebeu a possibilidade e testemunhou que Graciliano, “ainda em Maceió”, estudou italiano para ler Dante, tocado pelas palavras de dor e pelas inflexões de ira ouvidas dos condenados às fossas malditas do *Inferno*:

Só poucos amigos íntimos sabem que Graciliano Ramos, quando ainda em Maceió, estudava muito a língua italiana. Para quê? A resposta que ele próprio deu, certa vez, surpreenderá: para ler Dante. Todas as obras de Graciliano Ramos parecem-se com círculos fechados em que, como nas *malebolge*, nos círculos do inferno dantesco, se ouvem “parole di dolore, accenti d’ira”. Ao próprio Graciliano Ramos escaparam, na conversa de todos os dias, “parole di dolore” e “accenti d’ira”. Foi, pela aspereza das expressões, pela inflexibilidade do caráter, uma figura dantesca. Viveu, entre nós, como um exilado. (1953)

## Referências

AMORIM, Etevaldo. Braulio Cavalcante e o centenário de seu sacrifício. In: *Gazeta de Alagoas*, 14-04-2012. Disponível em: <[gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=199902](http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=199902)>. Acesso em 01-09-2013.

AZEVEDO, Vivice M. C., Apports inédits à l’ouvre de Graciliano Ramos. In: *Séminaire Graciliano Ramos – Vidas secas*. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines, 1972.

CARPEAUX, Otto Maria. Graciliano Ramos (No 7º dia de sua morte). In: *Correio da Manhã*, 28-03-1953, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, em: <[memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx](http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx)>, ano 1953, edição 18408, tela 2. Acesso em: 15-02-2013.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.

———. Graciliano Ramos, poeta. In: ———. *Cruzeiro do sul, a norte – Estudos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CUNHA, S. de Almeida. Partenza tua. In: *O Malho*, n. 417, Rio de Janeiro, 10-09-1910, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, em: <memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, ano 1910, edição 417, tela 29. Acesso em: 15-02-2013.

LIMA, Yêdda Dias; REIS, Zenir Campos (coords.). *Catálogo de manuscritos do Arquivo Graciliano Ramos*, São Paulo: Edusp/IEB, 1992.

LOBATO, Soeiro. A aranha. In: *O Malho*, n. 482, Rio de Janeiro, 09-12-1911, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, em: <memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, ano 1911, edição 482, tela 37. Acesso em: 01-02-2013.

———. Ritorno. In: *O Malho*, n. 569, Rio de Janeiro, 09-08-1913, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, em: <memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, ano 1913, edição 569, tela 37. Acesso em: 02-01-2013.

PELLICO, Silvio. *Le mie prigioni*. Milão: Arnoldo Mondadori, 1986.

PINHEIRO, Edlena da Silva. *Memórias da prisão: literatura e liberdade*. Um estudo sobre Graciliano Ramos e Antonio Gramsci. Tese de doutoramento. Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.

———. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

———. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1980.

———. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1985 (2 v.).

———. Professores improvisados. In: *Revista de Ensino*, Maceió, set.-out. 1929, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, em: <memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, ano 1929, edição 17, telas 50, 51. Acesso em: 24-06-2014.

———. Samuel Smiles. In: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13-11-1938, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, em: <memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, ano 1938, edição 3922, telas 13, 15, 16. Acesso em: 31-08-2013.

———. *Viventes das Alagoas*. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, Martins, 1976.

RAMOS, Marili [Maria Ramos de Oliveira]. *Graciliano Ramos*. Maceió: IGASA – Indústria Gráfica Alagoana, 1979.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *As leituras do jovem Graciliano Ramos – Catálogo da Exposição Graciliano Ramos: vida e obra*. Maceió: Secretaria de Comunicação Social – Secom, 1992a.

———. *Graciliano Ramos*. Achegas biobibliográficas. Maceió: Arquivo Público de Alagoas – SENECA, 1973.

———. *Graciliano Ramos antes de Caetés*. Catálogo da exposição biobibliográfica comemorativa dos 50 anos do romance. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983.

———. *Graciliano Ramos: vida e obra*. Maceió: Secretaria de Comunicação Social – SECOM, 1992b.